Cultura artística

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera

Mariss Jansons REGÊNCIA

Mitsuko Uchida PIANO

2014

WMcCANN | ESTADÃO
“Se eu tivesse
um cérebro como o seu,
realizaria um sonho:
começar uma frase com
-NA MINHA
OPINIÃO...”
INFORMAÇÃO COM PROFUNDIDADE,
ANÁLISE E OPINIÃO.
ESTADAO.COM.BR/ASSINE
0800 014 9000
QUER
SABER?
ESTADÃO

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

Cultura Artística 2014

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera

Mariss Jansons
REGÊNCIA

Mitsuko Uchida
PIANO

GIOCONDA BORDON 3

PROGRAMA 4

NOTAS SOBRE O PROGRAMA 6
Lorenzo Mammì

BIOGRAFIAS 13

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Sociedade de Cultura Artística

Diretoria

PRESIDENTE
Pedro Herz

DIRETORES
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Cláudio Sonder
Gioconda Bordon
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Patrícia Moraes
Ricardo Becker

SUPERINTENDENTE
Frederico Lohmann

Conselho de Administração

PRESIDENTE
Cláudio Sonder

VICE-PRESIDENTE
Roberto Crissiuma Mesquita

CONSELHEIROS
Aluízio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Milú Villela
Pedro Herz
Plínio José Marafon

Conselho Consultivo

Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

Programa de sala — Expediente

SUPERVISÃO GERAL
Silvia Pedrosa

EDIÇÃO
Maria Emília Bender

PROJETO GRÁFICO
Paulo Humberto Ludovico de Almeida

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Ludovico Desenho Gráfico

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Floter & Schauff

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Cultura
Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo — OSESP

REGENTE TITULAR (2012-2016)
Marin Alsop

REGENTE ASSOCIADO (2012-2016)
Celso Antunes

DIRETOR ARTÍSTICO
Arthur Nestrovski

Fundação Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo
Organização Social de Cultura

PRESIDENTE DE HONRA
Fernando Henrique Cardoso

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Fábio Colletti Barbosa

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Heitor Martins

DIRETOR EXECUTIVO
Marcelo Lopes

SUPERINTENDENTE
Fausto Augusto Marcucci Arruda

MARKETING
Carlos Harasawa DIRETOR
Mauren Stieven

DEPARTAMENTO DE OPERAÇÕES
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Cristiano Gesualdo
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

APOIO A EVENTOS
Felipe Lapa

DEPARTAMENTO TÉCNICO
Ronald Góes GERENTE
Ednilson de Campos Pinto
Erik Klaus Lima Gomides
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

ILUMINAÇÃO
Carlos Eduardo Soares da Silva
Abdias Vicente da Silva Junior

SONORIZAÇÃO
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

MONTAGEM
Rodrigo Batista Ferreira

CONTROLADOR DE ACESSO
Sandro Marcello Sampaio de Miranda ENCARREGADO

INDICADORA
Sabrine Ferreira ENCARREGADA

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
SALA SÃO PAULO
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA FUNDAÇÃO OSESP
GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO Secretaria da Cultura
Cultura artística
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Gioconda Bordon
gioconda@culturaartistica.com.br

NO CORAÇÃO DA ORQUESTRA

Tomei o título emprestado do livro *Au coeur d'orchestre*, de Christian Merlin, professor de musicologia da Universidade de Lille, crítico musical da revista *Diapason* e do jornal *Figaro*. Lançado em 2012 pela editora Fayard, naquele ano a obra recebeu dois prêmios importantes: o Catenacci de L'Academie des Beaux-Arts e o Syndicat de la Critique. O estudioso analisa, sob diversas perspectivas, o complexo conjunto de profissionais que integram uma sinfônica, mas sugere que o ponto central anunciado em seu belo título não se deixa revelar.

Hoje teremos uma orquestra considerada uma das "grandes"; seu regente principal integra a turma seleta dos notáveis maestros da atualidade — fato que imediatamente me trouxe à lembrança o livro de Christian Merlin. Onde fica o coração de uma orquestra? Como escutar a pulsação vital desse corpo coletivo?

Merlin nos ajuda a entender a dimensão dos paradoxos em jogo, a começar dos músicos. São artistas e ao mesmo tempo assalariados; aristocratas e também proletários; intérpretes, e no entanto apenas instrumentistas. A atuação única de cada musicista importa, e muito, mas sua identidade se perde no todo que o ultrapassa.

Seria o maestro a peça chave dessa engrenagem? Dele espera-se o domínio da técnica e do repertório erudito, de modo a poder impor sua visão pessoal de uma peça, que é discutida e aceita pela orquestra. Mas ainda não chegamos ao cerne da questão. O crítico sabe que é impossível encontrá-lo, portanto, estamos sozinhos nessa procura, cada um por si e em companhia uns dos outros. Em alguns momentos, ouviremos músicos e maestro respirando juntos, alheios a todo o resto. Talvez esteja aí, por alguns segundos, a alma da orquestra.

Ótimo concerto a todos.

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo, 12 de maio, segunda-feira, 21h

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera
Mariss Jansons REGÊNCIA
Mitsuko Uchida PIANO

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Concerto para piano e orquestra nº 4 *c.* 34'

I. Allegro moderato
II. Andante con moto
III. Rondo. Vivace

Solista Mitsuko Uchida, piano

INTERVALO

DMITRI SHOSTAKOVICH (1906-75)

Sinfonia nº 5 *c.* 44'

I. Moderato
II. Allegretto
III. Largo
IV. Allegro non troppo

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2014 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo, 13 de maio, terça-feira, 21 h

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera
Mariss Jansons REGÊNCIA
Mitsuko Uchida PIANO

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Concerto para piano e orquestra nº 4 *c.* 34'

I. Allegro moderato
II. Andante con moto
III. Rondo. Vivace

Solista Mitsuko Uchida, piano

INTERVALO

JOHANNES BRAHMS (1833-97)

Sinfonia nº 2 *c.* 40

I. Allegro non troppo
II. Adagio non troppo
III. Allegretto grazioso (quasi andantino)
IV. Allegro con spirito

Programação sujeita a alterações.

Siga a Cultura Artística no Facebook

facebook.com/culturartistica

NOTAS SOBRE O PROGRAMA

Lorenzo Mammì

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)
Concerto para piano e orquestra nº 4

Em 22 de dezembro de 1808, em Viena, Beethoven apresentou um concerto que incluía a *Quinta* e a *Sexta* sinfonias, o *Concerto para piano nº 4* e a *Fantasia Coral*, além de trechos da *Missa em dó maior*. Com exceção da Missa, apresentada no ano anterior, todas as obras eram executadas pela primeira vez. Pela quantidade e qualidade das estreias, talvez tenha sido o evento mais importante de toda a história da música. Mas foi também um fracasso retumbante: o programa era dificílimo e infindável, não houve tempo suficiente para os ensaios, fazia um frio de rachar. Beethoven, já praticamente surdo, fez questão de reger, errou uma entrada no *scherzo* da *Quinta* e quis repetir tudo de novo. A *Fantasia Coral* também precisou ser reiniciada. Quando a última execução chegou ao fim, madrugada adentro, já não havia ninguém na plateia.

O que Beethoven pretendia com essa performance colossal? Abria com a *Pastoral*; o *Concerto nº 4* e a *Sinfonia nº 5* ocupavam o fim da primeira parte e o início da segunda; a noite encerrava com a *Fantasia* para piano, coro e orquestra, com seu Hino à Música que já é um esboço (inclusive no tema) da *Sinfonia Coral*. Partia do estado de Natureza retratado pela *Sexta sinfonia*, e chegava ao triunfo da Civilização celebrado pela *Fantasia*. Desde as estreias do balé *Prometeu* e da *Sinfonia Heroica*, Beethoven aspirava a uma música que fosse capaz não apenas de entreter, mas de enfrentar questões universais. Essa foi sua tentativa mais ambiciosa, mais até do que a *Nona sinfonia*.

Intercalados entre a *Pastoral* e a *Fantasia*, o *Concerto nº 4* e a *Sinfonia nº 5* serviam de transição dramática. Os cadernos de esboços demonstram que foram concebidos ao mesmo tempo. A célula fundamental é a mesma: quatro notas repetidas, que o pianista toca na abertura do *Concerto* em três alturas diferentes, como se tateasse. Na *Quinta sinfonia*, o mesmo motivo, graças ao deslocamento da última nota uma terceira menor abaixo, torna-se bem mais enxuto e assertivo: é o célebre tema do Destino.

O fato de o solista abrir a peça, ainda que apenas por quatro compassos, é a novidade mais gritante do *Concerto* em relação à tradição do gênero. O habitual era a orquestra apresentar os temas, para em seguida o pianista desenvolvê-los. Mozart já experimentara inserir, no começo do concerto *Jeunehomme* (1777), um brevíssimo diálogo entre *solo* e *tutti* — quase uma troca de cumprimentos entre os músicos antes de iniciar o trabalho. Beethoven buscava uma fusão mais substancial: o primeiro período se inicia no piano (no *Jeunehomme*, começava pelo *tutti*), mas se encerra na orquestra, numa simbiose perfeita; os dois segmentos não se sustentariam independentemente. Já não é um diálogo entre um indivíduo e um grupo, como o protagonista e o coro na tragédia clássica, mas a expansão progressiva de um pensamento.

Para tanto, Beethoven precisava equilibrar a sonoridade do piano com a da orquestra, de maneira que as transições fossem mais nuançadas. A sonoridade do piano, no *Concerto nº 4*, é sinfônica; a da orquestra pode se tornar sutil, quase solística; às vezes, o piano fornece o recheio, enquanto a orquestra se limita a cantar a melodia. A mesma flexibilidade se encontra no tratamento dos motivos. Como na *Quinta sinfonia*, Beethoven busca extrair a estrutura inteira da peça de um material extremamente enxuto, quase elementar. Além do motivo inicial, há outros temas no primeiro movimento, apresentados tanto pela orquestra como pelo solista. Mas as quatro notas repetidas são quase onipresentes, ora como acompanhamento, ora como segunda voz, ora como esqueleto melódico que um ou mais instrumentos evidenciam dentro de tramas complexas.

O segundo movimento, bastante breve, tem a forma do recitativo acompanhado — uma convenção da ópera séria em que o canto apresenta frases de duração e desenho variáveis, sem regularidade estrófica, enquanto a orquestra intervém com pequenos incisos. Na ópera, esse recurso era utilizado em momentos cruciais, quando a personagem oscilava entre sentimentos contrastantes ou estava às vésperas de uma grande decisão. Transferido para a música instrumental, o recitativo acompanhado costumava ser aproveitado como elemento de transição — entre um movimento dramático e outro alegre e dançante, por exemplo. É exatamente o caso aqui, mas Beethoven acentua o contraste: a orquestra toca

em uníssono (não como um coro, portanto, mas como um antagonista) um tema áspero e cortante, a que o piano responde com uma melodia expressiva e sinuosa. Aos poucos, a voz da orquestra se apazigua, e a do solista passa a ser dominante. Franz Liszt lembrou, a esse respeito, o diálogo entre Orfeu e as Fúrias, referindo-se a um trecho célebre do *Orfeu* de Gluck. Há, de fato, semelhanças, mas nenhuma evidência de que Beethoven tenha pensado explicitamente naquele episódio.

Finalmente, o terceiro movimento: é um rondó, como de costume. Se não fosse pela orquestração mais pesada e pelo caráter bem beethoveniano do material melódico, entre a dança campestre e a marcha militar (afinal, estamos em plena época napoleônica), poderia ser uma composição de Mozart. Mas a serenidade mozartiana, para Beethoven, não é uma disposição natural, e sim uma conquista. A euforia explosiva, quase paroxística, se justifica porque nela deságua toda a dramaticidade dos movimentos anteriores. A música circula livremente entre o solista e a orquestra porque o conflito chegou a bom termo, e todos os entraves foram removidos.

DMITRI SHOSTAKOVICH (1906-75)
Sinfonia nº 5

Dimitri Shostakovich foi provavelmente o último grande sinfonista, descendente direto de Modest Mussorgsky e Gustav Mahler. Mussorgsky tentou adaptar à grande forma um material melódico sem centros tonais definidos, rebelde à harmonia tradicional — o canto eslavo. Criou grandes painéis sonoros estáticos, de cores intensas. Shostakovich acentuou o contraste: deitou linhas melódicas arcaicas sobre harmonias que as obrigam a contínuos desvios, saltos dissonantes, cromatismos inesperados. Em sua música há um descompasso irresolúvel entre o impulso a uma expressão espontânea, cantábile, e um contexto harmônico e formal que já não parece capaz de abrigá-la. Suas melodias são longuíssimas. Não, porém, por uma arte sapiente da transição, como em Brahms, nem porque o ponto de repouso seja sempre adiado, como em Wagner. Simplesmente, não há mais repouso possível — apenas uma distância inelutável entre consonâncias "antigas" e dissonâncias "modernas". No lugar da conciliação, a necessidade de continuar avançando, mesmo no desconforto.

De Mahler, Shostakovitch herdou a concepção da sinfonia como uma grande narrativa sem estrutura predefinida, tanto na sequência dos movimentos quanto no interior de cada um deles; a orquestração extremamente inventiva; a alternância de materiais populares e

sofisticados, momentos sublimes e cômicos ou grotescos. A mistura de elementos heterogêneos, nos dois compositores, permite construir encadeamentos baseados não tanto em semelhanças formais como nas conotações de cada segmento. Mas a escrita de Shostakovich é mais circunspeta e menos espetacular que a de Mahler. Em sua *Quinta sinfonia*, o segundo movimento, um *allegretto*, é o mais mahleriano, combinando magistralmente elementos "vulgares", de orquestra de baile (como o solo de violino, com seus característicos *glissando*) com recursos "clássicos", numa trama orquestral altamente sofisticada.

Shostakovitch acreditava que a música devia falar, com honestidade, da condição humana. Em sua memórias, que chegaram ao Ocidente clandestinamente e foram publicadas depois da morte do compositor, ele não hesita em associar seu estilo à época dos totalitarismos em que lhe foi dado viver. De fato, sua relação com o *establishment* nunca foi fácil. A *Quinta sinfonia*, estreada em 1937, marca um momento crucial desse conflito. Em 1934, Shostakovitch apresentara sua ópera até hoje mais aclamada: *Ekatarina Ismailova* (ou *Lady Macbeth do Distrito de Minsk*). A peça, saudada inicialmente como uma grande realização da arte soviética, foi reprisada de imediato, com muito êxito, na pátria e no exterior; dois anos mais tarde, no entanto, sofreu um ataque inesperado no *Pravda*, num artigo encomendado (se não escrito...) pelo próprio Stalin: "Caos em vez de música". Seguiu-se então a convocação pela União dos Compositores Soviéticos e a inevitável autocrítica. Na época, Shostakovich estava completando sua *Quarta sinfonia*, especialmente arrojada. Chegou a finalizá-la, mas retirou-a durante os ensaios (foi estreada apenas em 1961). A *Quinta* parece uma concessão às imposições stalinistas: em quatro movimentos, como manda a tradição, e com orquestração quase convencional. A estreia foi um sucesso e Shostakovich foi reintegrado temporariamente em seu papel de glória nacional.

Contudo, ao ouvirmos a sinfonia hoje, ela não parece ter feito muitas concessões. A mesma angústia rastejante, o mesmo sentimento de uma fissura incurável, que a escrita moderna não pode deixar de expor, encontra-se nessa obra, como em todas as outras do compositor. Os censores do regime, conscientemente ou não, se contentaram com uma capitulação *pro forma*. Talvez tenham julgado suficiente o poderoso *finale*. Este também, no entanto, está longe de ser uma conclusão triunfal. Na época, Shostakovich o apresentou como um movimento "em que os impulsos trágicos e tensos dos movimentos anteriores são resolvidos no otimismo e na alegria de viver". Nas memórias, porém, ele o descrevia de outro modo: "Acredito que esteja claro para todos o que se passa na *Quinta*. A felicidade é forçada, é fruto de constrição... E como se alguém lhes batesse com um porrete dizendo: 'O papel de vocês é ser feliz, o papel de vocês é ser feliz', e vocês se levantassem trêmulos e partissem resmungando: 'Nosso papel é ser feliz, nosso papel é ser feliz'".

JOHANNES BRAHMS (1833-97)
Sinfonia nº 2

No *Concerto para piano nº 4* e, mais em geral, na lendária apresentação de 22 de dezembro de 1808, Beethoven deu um passo fundamental na concepção da forma musical como drama. É o legado que deixará para o Romantismo. Daí se poderia avançar em duas direções: ou acentuar o aspecto narrativo, abandonando a forma clássica — é o caminho escolhido por uma longa linhagem de compositores sinfônicos, de Berlioz e Liszt até Strauss e Mahler; ou manter a estrutura formal tradicional e nela instilar uma expressividade sempre mais apurada, sem remeter a nenhum conteúdo específico (nada, pelo menos, que pudesse ser traduzido em palavras) — é a escolha de Brahms.

Brahms é mestre nas grandes construções arquitetônicas, que recuperam o equilíbrio e a clareza estrutural de Haydn, Mozart e Beethoven, mas a partir do material movediço e irrequieto da escrita romântica de Schumann. As melodias de Brahms derivam do *lied* alemão, um gênero de canção popular que Schubert e Schumann levaram a um grau extremo de refinamento. São motivos de registro moderado, intervalos simples, andamento espontâneo, que qualquer um poderia entoar. Esse material singelo, no entanto, amiúde sentimental, serve de base para construções poderosas. Se não há descompasso entre a simplicidade dos temas e a complexidade da forma final, é porque Brahms foi insuperável na arte da transição: ninguém como ele sabia articular a harmonia e entrelaçar as vozes de maneira a guiar o ouvinte, gradativa e naturalmente, de uma situação a outra. Desse modo, as formas clássicas são recuperadas sem que pareçam esquemas pré-constituídos: ao contrário, brotam dos motivos, como por crescimento espontâneo.

Brahms demorou quatorze anos (de 1862, aproximadamente, a 1876) para escrever sua *Primeira sinfonia*, que foi logo saudada como a melhor composição do gênero depois da *Nona* de Beethoven. A *Sinfonia nº 2*, ao contrário, foi escrita durante o verão de 1877, num tempo muito curto, a considerar o perfeccionismo do compositor. Enquanto a primeira se defrontava com o estilo final de Beethoven, esta parece remontar à escrita dos outros compositores da escola de Viena e é de fato identificada às vezes como "a Vienense". Os dois primeiros movimentos lembram a melancolia elegíaca de Schubert; os dois últimos, a descontração e exuberância dos minuetos e finais de Haydn e Mozart — tudo, porém, filtrado pela densidade contrapontística e a complexidade harmônica que são próprias de Brahms.

Os dois temas inaugurais do primeiro movimento têm o caráter do *lied*: o primeiro, iniciado pelas trompas e concluído pelas madeiras, é logo retomado e ornamentado pelas cordas;

o segundo, ainda mais cantábile, é apresentado por violas e violoncelos. Uma progressão gradual leva ao grupo temático contrastante: uma melodia de grandes intervalos e ritmo marcado, nas cordas, e uma linha ascendente, tensa e modulante, confiada aos instrumentos graves (violoncelos, contrabaixos e fagotes). Estabelecido o conflito, Brahms o conduz, no desenvolvimento, quase ao ponto de ruptura, na entrada dissonante dos trombones que surpreendeu os críticos da época e ainda hoje soa bastante ousada. Logo em seguida, a reapresentação do material inicial restabelece o equilíbrio.

O segundo movimento, adágio, lança mão de outro recurso típico do compositor: o encadeamento de células simples até formar linhas melódicas muito longas e complexas. Soluções contrapontísticas muito engenhosas fazem com que o fluxo nunca se interrompa. A curva resultante, por extensão e flexibilidade, nada deve às melodias infinitas de Wagner (cujo estilo, na época, costumava ser contraposto ao de Brahms), embora seja menos cromática e mais assentada em tonalidades reconhecíveis. Mas, afinal, essa melodia cambiante recompõe dentro de si, mais uma vez, uma estrutura clássica: a alternância de primeira parte — segunda parte — retorno à primeira, convencional nos movimentos lentos.

O *allegretto* que segue é bem mais despretensioso. Apresenta a forma regular de um Scherzo: uma seção principal que se repete três vezes, alternando-se com duas seções intermediárias (trios). A única particularidade é que os trios, que em geral costumam ser leves e melodiosos, aqui são mais rápidos e encorpados. O *allegretto* é apenas um antepasto para o esfuziante quarto movimento, certamente uma das composições mais exuberantes de toda a carreira de Brahms: uma corrida desenfreada, cheia de alternâncias de timbres, pulsações aceleradas, escalas ascendentes e descendentes. Mesmo aqui, no entanto, há momentos em que a música parece parar para retomar fôlego. A leveza vienense já é história, e a tradição musical alemã é um fruto muito maduro, que apenas os cuidados de Brahms, jardineiro magistral e escrupuloso, protege da dissolução.

Lorenzo Mammì foi professor de história da música na ECA/USP de 1989 a 2003 e atualmente integra o departamento de filosofia da FFLCH/USP. Atua como crítico de arte e de música.

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera

Pouco depois de ter sido fundada por Eugen Jochum, em 1949, a Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera ficou conhecida por sua excelência e logo passou a ser respeitada no mundo todo, com uma reputação que só tem se expandido e solidificado ao longo de suas muitas turnês. A orquestra deve seu repertório musical extraordinariamente abrangente aos programas escolhidos por seus regentes titulares, bem como à notável flexibilidade e sólida segurança de cada um de seus músicos.

A Sinfônica já nasce com uma longa tradição de abrigar a música contemporânea — as apresentações da série de concertos "musica viva", instituída em 1945 por Karl Amadeus Hartmann, por exemplo, foram uma de suas principais vocações desde o começo. As plateias de Munique testemunharam performances lendárias de peças do nosso tempo, quando compositores como Igor Stravinsky, Darius Milhaud, Paul Hindemith, Pierre Boulez, Luciano Berio e Peter Eötvös, entre outros, costumavam dirigir eles mesmos a orquestra.

SAIBA MAIS

Embora o número de álbuns gravados já seja expressivo, Jansons continua a expandir a vasta discografia da orquestra. Em 2006, ela recebeu o prêmio Grammy pela gravação da 13ª sinfonia de Shostakovich.

Sua história está diretamente ligada a seus regentes titulares, que são também responsáveis pelo Coro da Rádio da Baviera. Foram eles: Eugen Jochum (1949-60), que consolidou o reconhecimento internacional; Rafael Kubelík (1961-79), que, além de ter ampliado o repertório, incluindo obras de eslavos como Smetana, Janácek e Dvorák, divulgou autores do século XX e dirigiu o primeiro ciclo Mahler com uma formação alemã; Sir Colin Davis (1983-92), que foi um grande especialista em Berlioz e nos compositores ingleses mais recentes. Em seguida, o trabalho de Lorin Maazel (1993-2002) permitiu à orquestra alcançar o ápice de seu nível técnico.

Em 2003, Mariss Jansons assumiu a direção e inaugurou uma nova etapa para a Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera, comandando um repertório que inclui as eras clássica e romântica e se estende até a música do século XX e a produção contemporânea.

Desde outubro de 2001, a Academia da Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera tem feito um trabalho valioso de educação que prepara jovens músicos para a futura carreira artística. A Sinfônica mantém ainda um programa de incentivo que visa aproximar as novas gerações da música clássica.

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera
ASTRID ACKERMANN

Mariss Jansons REGÊNCIA

Em 2003, Mariss Jansons foi nomeado regente titular da Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera, que desde então vive anos de esplendor sob a batuta deste músico extraordinário, em numerosos concertos na Alemanha e no mundo, sempre um sucesso de público e crítica.

Filho do maestro Arvids Jansons, Mariss nasceu em 1943 na capital da Letônia, Riga, então pertencente à antiga União Soviética. Estudou violino, viola e piano, e graduou-se regente com todas as honrarias no Conservatório de Leningrado. Prosseguiu sua formação em Viena, com Hans Swarowsky, e em Salzburgo, com o mestre Herbert von Karajan. Jansons teve a influência decisiva do célebre diretor russo Evgeny Mravinsky, que em 1971 o levou para a Filarmônica de Leningrado como seu assistente. Sua trajetória é fortemente ligada à hoje chamada Filarmônica de São Petersburgo, orquestra que regeu até 1999, participando de diversas apresentações mundo afora.

Em paralelo à carreira de regência, Jansons lecionou por quase trinta anos, entre 1971 e 2000, no Conservatório de São Petersburgo. O maestro considera fundamental o trabalho com músicos iniciantes, tendo inclusive dirigido a Orquestra Jovem Gustav Mahler em sua turnê europeia. Em Munique, costuma participar de concertos com formações jovens da região e com a Academia da Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera.

Entre 1979 e 2000, Jansons representou um divisor de águas para a Filarmônica de Oslo, que ele transformou numa orquestra internacional de primeira grandeza. Além disso, foi o principal regente convidado da Orquestra Filarmônica de Londres (1992-97) e diretor musical da Orquestra Sinfônica de Pittsburgh (1997-2004). Colaborou ainda com as maiores orquestras do mundo, como a Sinfônica de Chicago e as filarmônicas de Nova York, de Israel, de Viena e de Berlim, além da Tonhalle, de Zurique. Desde 2004 é o regente da Orquestra Real do Concertgebouw Amsterdam, cargo que ocupará até o final da temporada de 2014-15.

A discografia de Jansons inclui gravações para a EMI, Deutsche Grammophon, SONY, BMG, Chandos e Simax, de obras de compositores como Beethoven, Brahms, Bruckner, Berlioz, Bartók, Dvorák, Grieg, Haydn, Mahler, Mussorgsky, Prokofiev, Rachmaninov, Shostakovich, Schönberg, Sibelius, Stravinsky, Strauss, Tchaikovsky, Wagner e Weill.

SAIBA MAIS

Jansons foi agraciado com o prêmio Ernst-von-Siemens-Musikpreis em janeiro de 2013, um dos mais renomados e importantes reconhecimentos de música.

Mariss Jansons
MATTHIAS SCHRADER

Mitsuko Uchida PIANO

"Todo o seu ser, todo o seu corpo deve sentir a música" — assim Mitsuko Uchida define o sentimento do intérprete durante uma performance. Segundo ela, "é o momento que de fato conta para um músico". Em sua busca pela verdade e pela beleza, Uchida é uma musicista que derrama a alma quando se apresenta. São célebres suas interpretações de Mozart, Schubert e Beethoven, tanto nas salas de concerto como nas gravações, mas ela também tem iluminado a música de Berg, Schönberg, Webern e Boulez para uma nova geração de ouvintes.

A pianista nasceu em 1948, em Atami, uma cidade próxima a Tóquio, e aos doze anos mudou-se para Viena, em razão da carreira diplomática do pai. Estudou com Richard Hauser na Academia de Música de Viena, e depois com Wilhelm Kempff e Stefan Askenase. Com apenas catorze anos, apresentou seu primeiro recital na Musikverein de Viena, e logo passou a ser premiada em diversos concursos. Mas foi nos anos 1970 que ela afirma ter de fato encontrado a sua voz artística.

Tendo se apresentado com as melhores orquestras e instrumentistas do mundo, recentemente Mitsuko Uchida foi artista residente da Orquestra de Cleveland, com a qual, ao longo de várias temporadas, regeu os concertos de Mozart a partir de seu piano. A intérprete já foi tema da série Perspectives do Carnegie Hall, intitulada *Mitsuko Uchida: Vienna Revisited*, e participou do ciclo de concertos Carte Blanche do Concertgebouw, em colaboração com Ian Bostridge, o Hagen Quartet, a Chamber Orchestra of Europe e a Royal Concertgebouw Orchestra. Também foi artista residente na Konzerthaus de Viena, na Salzburg Mozartwoche, no Festival de Lucerna e na Orquestra Filarmônica de Berlim.

SAIBA MAIS

Um DVD de sua performance no Festival de Salzburgo do *Pierrot Lunaire*, de Schönberg, acompanhado de um documentário, foi lançado há pouco, comemorando o centenário da obra.

Suas gravações são registradas exclusivamente pelo selo Decca e incluem sonatas e concertos para piano de Mozart, Schubert, Beethoven, Schumann, além dos *Études* de Debussy. Entre outros projetos recentes, ela gravou com a Orquestra de Cleveland uma seleção dos concertos para piano de Mozart que recebeu o prêmio Grammy de 2011. Em maio de 2012, Uchida foi agraciada com a medalha de ouro da Royal Philharmonic Society e, em junho de 2009, foi condecorada Dama Comandante da Ordem do Império Britânico.

Sempre comprometida em incentivar o desenvolvimento de jovens músicos, Mitsuko Uchida é codiretora, com Richard Goode, da Marlboro Music, em Vermont.

Mitsuko Uchida
JUSTIN PUMFREY

www.br.de/radio/br-klassik/symphonieorchester/

ASTRID ACKERMANN

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera
Mariss Jansons REGÊNCIA

PRIMEIROS VIOLINOS

Radoslaw Szulc
Anton Barachovsky
Florian Sonnleitner
Tobias Steymans
Jürgen Besig
Bernd Herber
Michael Christians
Peter Riehm
Corinna Clauser-Falk
Franz Scheuerer
Michael Friedrich
Andrea Karpinski
Daniel Nodel
Marije Grevink
Nicola Birkhan
Karin Löffler
Anne Schoenholtz
Daniela Jung

SEGUNDOS VIOLINOS

Korbinian Altenberger
Heather Cottrell
Yi Li
Wolfgang Gieron
Andreas Wohlmacher
Angela Koeppen
Nicolaus Richter de Vroe
Leopold Lercher
Key-Thomas Märkl
Bettina Bernklau
Valérie Gillard
Stephan Hoever
David van Dijk
Susanna Pietsch
Celina Bäumer

VIOLAS

Hermann Menninghaus
Wen Xiao Zheng
Benedict Hames
Andreas Marschik
Andreas Muck
Anja Kreynacke
Mathias Schessl
Inka Ameln
Klaus-Peter Werani
Christiane Hörr
Veronique Bastian
Benedikt Schneider
Giovanni Menna

VIOLONCELOS

Sebastian Klinger
Hanno Simons
Stefan Trauer
Eva-Christiane Lassmann
Jan Mischlich-Andresen
Uta Zenke
Jaka Stadler
Frederike Jehkul-Sadler
Samuel Lutzker

CONTRABAIXOS

Heinrich Braun
Philipp Stubenrauch
Otmar Kopold
Alexandra Scott
Karl Wagner
Frank Reinecke
Piotr Stefaniak
Teja Andresen

FLAUTAS

Philippe Boucly
Henrik Wiese
Petra Schiessel
Natalie Schwaabe
Ivanna Ternay

OBOÉS

Stefan Schilli
Ramón Ortega Quero
Marie-Lise Schüpbach
Dieter Salewski
Tobias Vogelmann

CLARINETES

Stefan Schilling
Christopher Corbett
Werner Mittelbach
Bettina Faiss
Heinrich Treydte

FAGOTES

Eberhard Marschall
Marco Postinghel
Wolfgang Piesk
Rainer Seidel
Susanne Sonntag

TROMPAS

Eric Terwilliger
Carsten Carey Duffin
Ursula Kepser
Thomas Ruh
Ralf Springmann
Norbert Dausacker
Francois Bastian

TROMPETES

Hannes Läubin
Martin Angerer
Wolfgang Läubin
Thomas Kiechle
Herbert Zimmermann

TROMBONES

Hansjörg Profanter
Thomas Horch
Uwe Schrodi
Richard Meyer
Joseph Bastian

TUBA

Stefan Tischler

TÍMPANOS

Stefan Reuter
Raymond Curfs

PERCUSSÃO

Markus Steckeler
Guido Marggrander
Christian Pilz

HARPA

NN

PIANO

Lukas Maria Kuen

REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

2013-2014 ALEMANHA+BRASIL Quando ideias se encontram

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cultura artística

PATROCINADORES 2014

MASTER

PLATINA

OURO

PRATA

BRONZE

OUVIR PARA CRESCER

APOIO

REALIZAÇÃO

Cultura artística

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MECENAS

Adolpho Leirner
Aluízio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cristian Baumgart Stroczynski
Cristina Baumgart
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger e Dora Rosset
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jean Claude Ramirez
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Roberto Opice
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Marcelo Kayath
Marcos Baumgart Stroczynski
Marisa e Jan Eichbaum
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
MV Pratini de Moraes
Nelson Nery Jr.
Otto Baumgart
Paulo Proushan
Pedro Herz
Pedro Stern
Raul Sergio Hacker
Roberto Baumgart
Roberto e Luizila Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ursula Baumgart
1 Mecenas Anônimo

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Kanji
Augusto Livio Malzoni
Carmo e Jovelino Mineiro
Claudia Helena Plass
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Editora Schwarcz S. A.
Eduardo Secchi Munhoz
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco Humberto de Abreu Maffei
Hélio Arthur Bacha
Henrique e Michelle Tichauer
Henrique Meirelles
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José e Priscila Goldenberg
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
Livio De Vivo
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcelo Pereira Lopes de Medeiros
Maria Adelaide Amaral
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Paulo Bruna
Paulo Hitoshi Castro
Paulo Mordehachvili
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva e Fatima Zorzato
Sandra Arruda Grostein
Silvia e Fernando Carramaschi
Stela e Jayme Blay
Thomas Frank Tichauer
Thomas Kunze
Vivian Abdalla Hannud
3 Mantenedores Anônimos

BENFEITORES

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alfredo Rizkallah
Álvaro Oscar Campana
Arnaldo Malheiros
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio Casseb Lima
Claudia Annunziata G. Musto
Claudio Alberto Cury
Claudio e Selma Cernea
Danielle Leão e Fernando Lohmann
Dario Chebel Labaki Neto
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynec
Eric Alexander Klug
Eugenio Suffredini Neto
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Heinz J. Gruber
Helio e Livia Elkis

Lista atualizada em 29 de abril de 2014.

Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique Lindenberg Neto
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jaime Ardila
Jayme Vargas da Silva
João Baptista Raimo Jr.
José Adolfo Pascowitch
José Thales S. Rebouças
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Lucila Pires Evangelista
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Malú Pereira de Almeida
Marco Tullio Bottino
Marcos de Mattos Pimenta
Maria Bonomi
Maria Francisca Sachs
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Teresa Igel
Mario Roberto Rizkallah
Michael Haradom
Mity Hori Kato
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Nilza e Luiz Werner
Oscar Lafer
Patrícia Upton e Nelson Ascher
Paulo Cezar Aragão
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoulis
Percival Lafer
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Luiz Macera
Suzana Pasternak
Teli Penteado Cardoso
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Vera Fernandes Hachich
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
12 Benfeitores Anônimos

APOIADORES

Alessandro e Dora Ventura
Aluízio Guimarães Cupertino
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Anna Veronica Mautner
Antonio Cardoso
Arnoldo Wald
Beatriz Botelho Hime
Beatriz Garcez Lohmann
Carmen Guarini
Cassio Augusto Macedo da Silva
Chang L. Sih
Daniela e Frederico Carramaschi
Dario e Regina Guarita
Eduardo Liborio Menniti
Eliana Regina Marques Zlochevsky
Fábio Konder Comparato
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Irene Abramovich
Israel Sancovski
Jeanete e Bruno Musatti
Joanita Haimeri
Jorge Takla
José Carlos Dias
José Francisco Kerr Saraiva
Karen Macknow Lisboa e Claudio Struck
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Eugenio Mello
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Schwarz
Marcello D. Bronstein
Marcelo Mansur Levy
Marcos de Carvalho Garibello
Maria Amália Sá Moreira
Maria Helena Peres Oliveira
Marilene Rezende Melo
Marta D. Grostein
Martha Rosemberg
Mauro André Mendes Finatti
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Nestarez
Paulo Emilio Pinto
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Ricardo e Suzanne Gallo
Rodrigo Octavio Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Gonçalves de Almeida
Stella Ferraz Camargo
Tania Ester Mountian
Viviane Souss
Walter Jacob Curi
13 Apoiadores Anônimos

Para mais informações,
ligue para (11) 3256 0223,
escreva para
amigos@culturaartistica.com.br
ou visite
www.culturaartistica.com.br/amigos.

Teatro Cultura artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCINADORES

Bradesco · BNDES · CREDIT SUISSE · SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES (R$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Egydio Setubal
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Daniela Cerri Seibel e Helio Seibel
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynec
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei
Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
Jose Luiz Egydio Setubal
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger

Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Maria Alice Setubal
Maria Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Stickel
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura
Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Paulo Setubal Neto
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizantho
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Egydio Setubal
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto Egydio Setubal
Roberto e Luizila Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Silvia Dias Alcântara Machado
Stela e Jayme Blay
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO
Cultura artística
Ministério da Cultura
GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

SUA MELHOR ESCOLHA

- Uma das Big 5
- Líder no middle market
- 18 escritórios no Brasil
- Audit | Tax | Advisory

www.facebook.com/bdobrazil
www.twitter.com/bdobrazil
www.instagram.com/bdo_brazil
Aplicativo BDO BRAZIL
www.bdobrazil.com.br

BDO

Cultura artística 2014

REAPROVEITAMENTO DOS PROGRAMAS

Caso não queira levar o seu programa de concerto para casa, você pode devolvê-lo para que seja reaproveitado ou reciclado.

Nas saídas da Sala São Paulo você encontrará os pontos de coleta.

MAKSOUD PLAZA

Nosso Piano Steinway & Sons Cauda Inteira versão Concerto, modelo D, no Teatro Maksoud Plaza

APARTAMENTOS I SUITES I BARES E RESTAURANTES 24 HORAS
FITNESS CENTER I 5.000 M² DE ESPAÇOS PARA EVENTOS I HELIPONTO

Alameda Campinas, 150 | São Paulo | Tel.: (11) 3145-8000 | Reservas: 0800.13.44.11 | maksoud.com.br

VML

Na hora de criar sua próxima obra, não esqueça do Vedacit.

A linha mais completa de impermeabilizantes.

Conheça nossas soluções em impermeabilização em www.vedacit.com.br.

VEDACIT®
IMPERMEABILIZANTES

QUALIDADE OTTO BAUMGART TECNOLOGIA

MINISTÉRIO DA CULTURA APRESENTA

Música é Tudo de Bom!
Um espetáculo que é uma aula.
Uma aula que é um espetáculo.

OUVIR PARA CRESCER

Com uma abordagem lúdica, o *Ouvir para Crescer* apresenta conceitos musicais dos mais básicos até os mais elaborados, de maneira didática e interativa.

60 mil pessoas • 18 mil estudantes da Rede Pública de ensino
Mais de 150 espetáculos na capital e interior de São Paulo

Vem aí a temporada 2014 com o espetáculo **Música é Tudo de Bom!**
Uma verdadeira viagem pelo fascinante mundo da música.
Direção Gustavo Kurlat • Direção Musical Luiz Amato e João Cuca

Dias 13 e 15 de Maio no Auditório Ibirapuera às 14h30 com 200 vagas abertas ao público.
Retirada na bilheteria 90 min antes do início do espetáculo. Sujeito à lotação da sala.

PATROCÍNIO APOIO REALIZAÇÃO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA · Itaú · FDE · GOVERNO DO ESTADO SÃO PAULO · PREFEITURA DE SÃO PAULO · AUDITÓRIO IBIRAPUERA · Itaú cultural · Cultura artística · RVA · Ministério da Cultura · GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

O ULTRA CONQUISTOU O 2º LUGAR NO RANKING DAS COMPANHIAS MAIS ADMIRADAS DO MUNDO EM 2014 NO SETOR ENERGÉTICO.

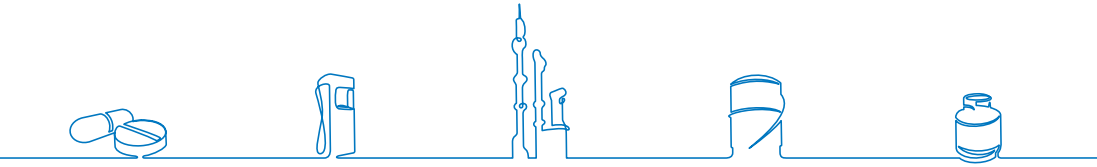
ULTRA

Revista Fortune: Companhias Mais Admiradas do Mundo 2014.

www.ultra.com.br

Com mais de 75 anos, a história da companhia foi construída com espírito empreendedor, produtos e serviços diferenciados para seus clientes, planejamento e execução consistentes de sua estratégia e oportunidades de desenvolvimento para seus profissionais.

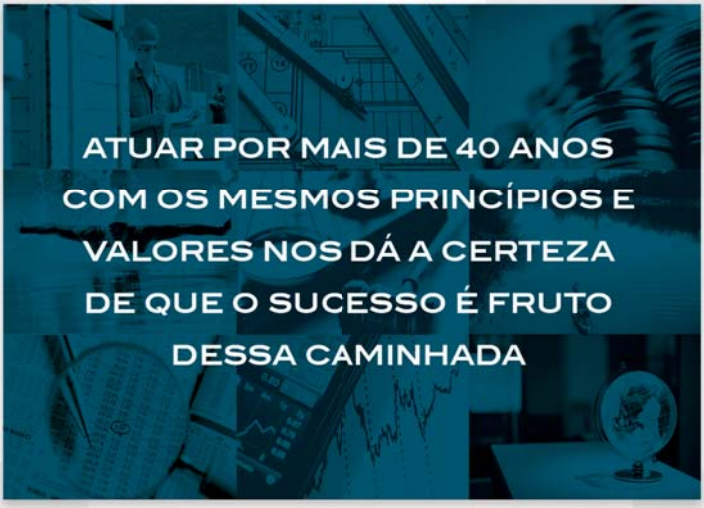
A maior prova do sucesso desta receita, além dos prêmios e reconhecimentos recebidos, são os resultados alcançados, com a superação da marca de crescimento de resultados e retorno aos acionistas de mais de 20% a.a. nos últimos 15 anos.



EXTRAFARMA IPIRANGA OXITENO ULTRACARGO ULTRAGAZ

OAB/SP N. 485

www.rcom.br



MACHADO MEYER

MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

WWW.MACHADOMEYER.COM.BR

SÃO PAULO RIO DE JANEIRO BRASÍLIA PORTO ALEGRE BELO HORIZONTE NOVA YORK

LES AMIS DU CREDIT SUISSE

INSPIRADOS PELA MÚSICA CLÁSSICA.

O Credit Suisse mantém parcerias de longo prazo com as mais reconhecidas instituições culturais do Brasil.

Temos orgulho em apoiar a Sociedade de Cultura Artística.

credit-suisse.com

Cultura artística 2014

8 e 9 de abril
Nelson Freire PIANO

12 e 13 de maio
Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera
Mariss Jansons REGÊNCIA
Mitsuko Uchida PIANO

27 e 28 de maio
Quarteto Emerson

2 e 3 de junho
Grupo de Percussão Li Biao

11 e 13 de agosto
Elisso Virsaladze PIANO

24 e 25 de agosto
Joyce DiDonato MEZZOSOPRANO

8 e 9 de setembro
Orquestra Filarmônica de Dresden
Michael Sanderling REGÊNCIA
Carolin Widmann VIOLINO

14 e 17 de setembro
Orquestra Sinfônica de Lucerna
James Gaffigan REGÊNCIA
Renaud Capuçon VIOLINO

8 e 11 de outubro
Orquestra de Câmara de Basileia
Giovanni Antonini REGÊNCIA
Sol Gabetta VIOLONCELO

11 e 13 de novembro
Ensemble Artaserse
Philippe Jaroussky CONTRATENOR

PROGRAMAÇÃO E DATAS SUJEITAS A ALTERAÇÕES.